

## A TEMÁTICA DOS POEMAS FEMININOS NO RECIFE NO SÉCULO XIX: ALGUMAS CONSTANTES

---

ELIZABETH ANGÉLICA SANTOS SIQUEIRA (UFPE)  
MARLUCE OLIVEIRA RAPOSO DANTAS (UFPE)

---

### I. Introdução

O imaginário poético observado na obra de várias escritoras do século XIX, até a terceira década deste, em Recife, revela grandes surpresas. A abrangência temática é extremamente rica, detectando-se uma ampla variedade de preocupações, no que diz respeito ao registro poético dessas mulheres. Ao analisarmos os diversos textos levantados, decidimos mapear os dados e expô-los nos diagramas encontrados no Anexo (I).

Foram estudados vários poemas de jornais do final do século passado e alguns do início do século XX; todavia, apesar das dificuldades de acesso aos textos (especialmente no que diz respeito à reconstituição dos mesmos, devido ao precário estado de muitos deles), conseguimos chegar a conclusões que evidenciaram ser esses jornais uma rica fonte de informações sobre o imaginário poético dessas gerações de mulheres.

A tradição revela que, em geral, se pensa a poesia feminina como apenas sentimental, o que não passa de uma visão estereotipada sobre o assunto. Essas poetisas pernambucanas negam essa possibilidade. A diversidade dos temas é intensa, transformando o universo enfiado num

rico mosaico de variadas preocupações.

Nossa curiosidade aflora e muitas são as perguntas que surgem. Revelariam, esses poemas, as leituras dessas mulheres? Seriam o resultado de seus contatos com outros autores? Comporiam essas mulheres a elite da sociedade pernambucana da época? Seriam elas mulheres da burguesia? Constituiriam a elite financeira da região?

Para tais perguntas, observamos diferentes respostas: algumas vinham de família tradicional, eram em geral mulheres de grande cultura, perfazendo o longo caminho do conhecimento da antiguidade greco-latina, passando pelo renascimento e demonstrando ainda intimidade com autores franceses e ingleses do século passado. Outras, eram mulheres de forte engajamento político, com atitudes de profundo envolvimento político-social, ou intensamente preocupadas com questões educacionais (como o direito ao acesso das mulheres às universidades). Algumas vinham de posição social mais simples, outras anunciavam seus serviços em alguns jornais como professoras de aulas particulares, compondo assim um quadro social bem delineado. Outras ainda destacavam-se como tradutoras de poetas ingleses e franceses, trazendo para os jornais textos traduzidos, divulgando, assim, a poesia desses autores.

Acreditamos ser da maior relevância a análise do trabalho dessas escritoras que viveram numa época em que, não somente no Brasil, como também nos EUA, França e Inglaterra, apenas algumas mulheres se arriscavam às letras. Se nesses países o número de militantes feministas era reduzido, em nossa pátria revelou-se bem menor ainda, não só pela maior dificuldade de acesso à instrução superior, como também devido a fatores culturais de opressão, pobreza e ignorância.

Enquanto as mulheres americanas, no século XIX, já empunhavam bandeiras em movimentos de lutas pelos direitos femininos, as mulheres brasileiras ainda davam seus primeiros passos nesse sentido, sempre através do jornalismo e em número ainda diminuto. Todavia, revelaram-se

amazonas combatentes, guerrilheiras destemidas com uma proposta concreta em favor de sua causa.

## II. Variedade Temática

O universo temático das escritoras do final do século passado em Pernambuco é bem abrangente. As mulheres recifenses se empenhavam na luta feminina/feminista, defendendo também causas de cunho nacionalista, como foi o caso da bandeira abolicionista. Mas essas mulheres também falavam do amor, da fé, da dúvida, da felicidade, da dor/tristeza e mágoa.

Os jornais pesquisados tinham seus objetivos bem definidos e explícitos, descritos logo abaixo dos significativos nomes que traziam. Assim foi o caso de O MYOSOTIS (1875) que se auto-denominava "Jornal das Famílias". A MULHER, publicado em 1883 era "Consagrado aos Interesses e Direitos da Mulher Brasileira". AVE LIBERTAS (1885) dedicava-se à luta Abolicionista e A ROSA (1890 a 1899) era um "Periódico Crítico e Científico".

De alguma forma, cada periódico buscava uma certa unidade temática em torno de suas propostas e objetivos. Era muito comum também, na imprensa da época, jornais dedicatórios ou poliantéias, homenageando pessoas, causas ou até mesmo comemorando os aniversários dos próprios jornais. Eram números especiais, com destinatárias específicas.

Continuando, no início do século XX, nessa mesma linha de produção literária/jornalística, encontramos uma certa unidade dos escritos dessas mulheres, sempre dentro de uma diversidade temática bem grande.

O imaginário poético feminino observado nos jornais oscila entre tópicos que compreendem as seguintes vertentes: engajamento político, religiosidade, tempo, infância, fé, dúvida, vida, sonhos/desejos, felicidade, tristeza/dor/mágoa, natureza, amor, saudade, esperança, a

poesia e poemas dedicat6rios.

a) Engajamento Político - AVE LIBERTAS

O Jornal AVE LIBERTAS mostra a luta das mulheres do século passado, que vai além das suas próprias questões emancipatórias e apresentam uma linha ideológica mais definida e aguerrida. A linha editorial desse periódico aponta para um tema controvertido e de forte repercussão histórica, a escravidão. Fundado a 20 de abril de 1884, por D. Leonor Porto, o AVE LIBERTAS, representa o veículo de luta de um grupo feminino que permaneceu coeso em defesa de uma luta de caráter nacionalista: o Abolicionismo. Essas jornalistas mostraram-se organizadas e desfraldaram sua bandeira de combate ao governo, e contra o sistema, contra os políticos retr6grados que mantinham interesse na preservação do sistema social fundado na escravidão.

Mais do que ninguém, as mulheres entendiam de opressão; mais do que ninguém, conheciam o valor da palavra LIBERDADE, decantada por Maria Amélia Queiroz:

A' DEUSA LIBERDADE

Construam templos suntuosos, belos  
A' causa santa, que soluça - Deus,  
Onde a harmonia foi achar seu trono,  
Na esfera lúcida, o alcantil do céu

E a casta deusa, de semblante altivo  
Num doce enlevo, quer voar além...  
E a terra dorme num letargo plácido  
Quando as estrelas deslumbrantes vêm.

Dormar no centro, se deslizam pérolas  
De imenso brilho e de celeste alvor,  
Para exortar aquelas fronte candidas  
Onde se gravam liberdade e amor

Tudo se alegra neste dia santo  
A meiga aurora com prazer raiou  
E a natureza se cobriu de flores  
Para saudá-la - nova luz - criou

Ouve-se um hino que arrebatava a alma,  
Entre doçuras de harmonia cética,  
O céu... a terra, se contemplam estáticos  
Admirando essa beleza angélica

E Deus, ouvindo esses eféreos cânticos  
Cheios de preces pela humanidade  
Diz: "caminhai" e a multidão celeste  
Conduz o anjo, que diz... Liberdade

Essa conotação de Liberdade, como deusa, como divindade, de certa forma se mostrava distante, etérea, mas também como algo sublime, puro, elevado, que deveria ser cultivado.

Em um poema dedicado "Às Senhoras da Sociedade Abolicionista do Mesmo Nome", denominado AVE LIBERTAS, Ernestina Uchoa saúda as mulheres militantes do movimento abolicionista de forma menos idealizada, embora descreva também a Liberdade como divina e pura crença:

Já vão se dissipando do erro as trevas densas,  
por terra vai caindo o negro desfrotismo,  
dos peitos - esse vulcão - a lava - patriotismo  
eleva-se candente a regiões imensas.

Toda esta revolução sublime, forte, intensa  
todo esse rasgo enorme de rúbido civismo  
é só devido a ti, ó germen do heroísmo,  
a ti, ó Liberdade, divina e pura crença.

Ó brasileiras fortes, modernas heróínas,  
que ouvistes o desabar de téticas ruínas  
e alegres antevedes essa alvorada o - bem,

saudando a Liberdade - o gênio protetor,  
que extingue do cativo a mágoa, o dissabor,  
agora jubilosa saúda - vos também.

Numa espécie de exortação às redatoras de AVE LIBERTAS, transmitindo todo um sentimento de "sororidade" que existia entre as mulheres do século passado, SOPHIA PAUSLAVINE fala do papel das brasileiras, como as "obreiras do PORVIR", mantenedoras do equilíbrio social e de relações mais justas entre os homens. O poema Soneto é uma homenagem ao jornal feminino de 1885:

Quando o Brasil definhava  
Ao peso da escravidão  
"AVE LIBERTAS" surgiu  
Abraçada à Abolição!

Não quero página fazer  
Pra os anais da pátria historiar,  
Quero saudar as senhoras  
Que a Pátria cobrem de glória,

Quero um bravo estriduloso  
Dar com júbilo espantoso  
Às obreiras do Porvir,

Que são as preparadoras  
E não de ser progenitoras  
Das gerações que não de vir.

No mesmo número do Ave Libertas, Odila Pompílio, em tom conclamatório, apela, sob o título de Attendite e sob forma de prosa seguida de verso, a todas as patrícias, para que contribuam para a abolição dos escravos:

.....  
Trabalhem, oh! caras patrícias,  
Não neguem a contribuição,  
Que devemos à urgente reforma  
Dos escravos a emancipação.

Também voltado para os problemas nacionais A MARQUEZA DO NORTE se intitula "Periódico Feminino-Político", embora nas entrelinhas se observe uma fina ironia de tom machista. Sem redatoras declaradas, todo o jornal é anônimo. Masculino ou feminino? Travestido ou não com um título de mulher, esse tipo de imprensa tentava satirizar uma situação político-social-nacionalista existente:

No estado em que se acha o Brasil é  
doloroso pensar no seu futuro.  
Abatido entre o estrangeiro, com  
uma dívida enorme, sem  
crédito, sem governo, sem moral  
e sem costumes.

Os poemas do jornal trazem o tom satírico. A poesia, "A Marquiza a suas patrícias", aconselha às jovens brasileiras casadouras a evitarem "enlaces" com os portugueses que aportavam no Brasil.

Observe-se que todo o vocábulo utilizado é de crítica contundente:

.....  
É melhor que caseis pobres  
Com um Brasileiro honrado,  
Que sofrer um besuntão,  
Um bajojo, um malcriado.

Do que vos servem riquezas,  
Sofrendo um biltre imprudente,  
Um monte de porcaria,  
Um labrego, um insolente?

O casamento entre eles  
É uma especulação  
Não tem amor, nem ternura  
Têm perverso coração.

Esse tom de escárnio e zombaria continua por todo o poema, que finaliza sugerindo uma espécie de expulsão da nossa pátria, daqueles que aqui vinham somente extrair nossas riquezas e explorar nossas mulheres:

Fora patifes infames  
Corja vil de vis brejeiros,  
Fora do nosso terreno  
Fora, fora marinheiros.

b) Amor, Sonhos, Desejos, Esperanças -  
A ROSA E OS ESPINHOS

A temática do amor aparece de diferentes formas nos textos femininos do final do século passado e início deste, no Recife. O próprio nome dos jornais, A ROSA, O LYRIO, O MYOSOTE, evocam flores e buquês. Utilizando essas metáforas as mulheres se colocam através de uma imprensa suave e perfumada. Escrevendo esses jornais, as mulheres utilizam uma estratégia para entrar em cena. Com avanços e récuos assumem a palavra, através da imagem de fragilidade e se utilizam da linguagem para falar das flores e dos espinhos, uma antítese que evidencia sua existência de contrastes e lutas.

Assim é que, no poema "Que me Pedes", publicado em A ROSA, D. Porcia C. Melo fala de flor, aves, rio, brisa,

estrela, utilizando a natureza para caracterizar o jornal e a luta feminina:

Não sou linda flor  
De aroma sutil  
De cores mimosas  
Que brilha entre mil.

Não sou avesinha  
De canto amoroso,  
Nem rio que passa  
No bosque saudoso.

Nem doce brisa  
Na selva entre flores  
Brincando ligeira  
Falando de amores.

Não sou da noute  
A estrela brilhante,  
Nem sou da fortuna  
O tempo ofuscante.

Não sou melodia  
De órgão sagrado  
Nem fada nem anjo  
Por Deus bafejado.

Eu sou infeliz!  
Que tenho pra dar?  
Só meu coração  
Constante em te amar

### c) A Fé e a Religiosidade

Nos poemas onde a fé e a religiosidade emergem, observam-se referências desde a fé perdida, até o momento místico da Ave Maria, passando pelo êxtase de penetrar num templo religioso. No soneto "O Passado", Ana Nogueira lamenta a fé perdida e o surgimento da dúvida, como consequência:

Como está longe a doce fé querida  
Que tinha então! A tantas alegrias  
Sucederam-se dúvidas sombrias  
Que me torturam a alma estremecida.

Elisa de Almeida Cunha, no soneto "Desconforto", onde a conclusão tem a marca da tristeza, evoca o ritual da Ave Maria associado ao toque dos sinos, em consonância com a natureza:



É a hora espiritual d'Ave Maria;  
Quebra-lhe apenas a monotonia  
Dolente sino, que bem longe cantas.

A noite vem silenciosa e escura...  
Nem uma estrela pálida fulgura  
Além, nos céus! Quanta tristeza! Quanta!

O soneto de Inês Sabino, "Êxtase", de forte apelo místico-religioso, congrega imagens de formas que se estreçam a imagens de impacto ante o Êxtase do momento.

Entro na catedral! ... falam-me a mente  
As rendas que no mármore burilaram  
Corretas mãos de artistas que bordaram  
No bloco, o fogo audaz da pira ardente.

Na constância de ardor tão convincente  
Surtem níveis florões que se estamparam  
Como surgem do mar e se abraçaram  
Os galhos de coral, em flor nascente

E a santa legenda do calvário  
Transforma o ser audaz no estatuário  
Que sorrindo ante o Belo, o Belo adora...

Se das lascas de rude penedia  
Deu largas ao talento e descobria  
Novo mundo ideal, em nova aurora.

#### d) A Natureza

O poema "No Inverno", de Elisa de A. Cunha, descreve um quadro de aguçada precisão pictórica, em que elementos da natureza se entrelaçam ternamente.

Pousa na terra o inverno. Os passarinhos  
Pipilam nas ramagens do arvoredo  
Como que falam de íntimo segredo  
À brisa, que perpassa nos caminhos

Não querem mais cantar! No morno e quedo  
Aconhego dulcíssimo dos ninhos  
Procuram libertar-se os pobrezinhos  
Do vento e chuva, que lhes causam medo.

Uma exortação à "Primavera" é o tom que Ignez Pessoa imprime ao poema encontrado no jornal A ROSA. Comparando essa estação a uma infância perdida, a autora tenta lembrar que a vida é tão efêmera como a estação das flores:

Eu te saúdo jaqueira,  
Aurora resplandecente!  
Ês da minh'alma o consolo  
Alegras tudo o que sente

.....

Recordando a minha infância  
Tão deleitosa é jaqueira,  
Apenas tenho saudade  
Desta idade passageira.

.....

Oh! primavera ditosa!  
Oh! primorosa estação!  
Ês de minh'alma o conforto  
Ês minha consolação!

#### e) Poemas Dedicat6rios - POLIANT6IAS

Era muito comum entre as mulheres do s6culo passado escreverem poemas para outras mulheres. Dedicados 6quelas cuja admiração era espelhada nesses escritos, dedicados 6quelas que j6 haviam partido, deixando uma profunda saudade em seus coraço6es.

No Jornal A ROSA, a editora, D. Porcia C. Melo dedica o seguinte poema a D. Maria Bastos:

Amiga formosa  
Terna carinhosa  
Se 6o generosa  
Por mim tens amor  
N6o queira saber  
Do meu padecer  
Se estou a morrer  
De saudade e de dor

.....

S6 em carne triste  
Desde que partiste  
O meu peito existe  
Sempre a suspirar  
Cheio de aflição  
Mas com o coraço6o  
Com a mesma aflição  
Firme a te adorar

Outra forma de homenagem muito utilizada eram jornais especialmente dedicados a jovens e senhoras da época, em comemoração a datas especiais, denominados Poliantéias, como é o caso de O BOUQUET. Os poemas desse jornal são assinados com pseudônimos de flores como rosa, jasmim, camélia, sempre-viva.

Cheio de versinhos e acrósticos, representa a homenagem de várias amigas da aniversariante, reunidas em uma espécie de ramalhete:

Recebe, portanto, este humilde  
bouquet de lírios alvinitentes,  
e guarda-o no teu regaço imaculado,  
pois ele é uma oferta de tuas irmãs:  
as flores

Mais do que uma simples homenagem, periódicos desse tipo retratavam a união das mulheres, a sua voz solidária, a "sororidade" que se evidencia sutilmente neste verso:

Desponta a manhã no céu  
No céu desponta a manhã,  
E os anjos dizem cantando:  
- Faz anos a nossa irmã,  
(A Camélia).

## Conclusão

A releitura dos jornais pernambucanos do século passado mostra uma mulher que escrevia de forma abrangente, não se limitando a falar de seus alfinetes, de seus amores, mas também de suas lutas.

Os escritos apresentados no trabalho evidenciam um universo poético bem variado, indo de encontro a uma caricatura que se fazia do ser humano feminino no passado e que alguns tentam insistentemente em manter.

As mulheres se agrupavam em torno de ideais, jogando por terra toda a estereotipia estabelecida.

Assim é que, em 1883, no Editorial do periódico A

MULHER encontramos a afirmação:

O que não se poderá negar é que possuímos força de vontade suficiente para não enfraquecermos diante dos preconceitos e de outros obstáculos que aparecem...

ANEXO I

JORNAL	REDATORA	TÍTULOS/POEMAS	AUTORA
<p>I - AVE LIBERTAS - ERA MODERNA - Número único (Edição em favor dos Escravos). Recife, 25/03/85</p>	<p>.D. Leonor Porto</p>	<p>1) A'Deusa Liberdade</p>	<p>Maria Amélia Queiroz</p>
<p>II - AVE LIBERTAS Número dois Recife, 08/09/85</p>	<p>D. Leonor Porto</p>	<p>1) Attendite 2) Ave Libertas 3) Soneto</p>	<p>Odila Pompilio Ernestina Uchoa Sophia Pauslavine Anônimo</p>
<p>III - A MARQUEZA DO NORTE Número um Periódico Feminino-Político Sexta-feira, 21 de dezembro, 1986</p>	<p>Não mencionadas no jornal</p>	<p>1) A Marquiza às suas Patriças</p>	
<p>IV - A ROSA Periódico Crítico e Científico Publicado em dd. alternados - nº 1. Recife, 18 de outubro, 1890</p>	<p>Redigido - p/ Senhoras</p>	<p>1) Que me Pedes?</p>	<p>P.C.Melo</p>
<p>V - A ROSA Periódico Crítico e Científico Publicado em dd. alternados - nº 2. Recife, 25 de outubro de 1890</p>	<p>Redigido - p/ Senhoras</p>	<p>1) A D. Maria Bastos</p>	<p>P.C.Melo</p>

JORNAL	REDATORA	TÍTULOS/POEMAS	AUTORA
VI - A ROSA Periódico Crítico Científico Publicado em dias alternados Número 5 Recife, 8 de dezembro de 1890	Redigido - p/ Senhoras	1) Primavera	Ignez Sabino
VII - O BOUQUET Número Especial em homenagem ao aniversário de Elisa Aurea Monteiro. Pernambuco, 29 de agosto 1893		1) Acrostico 2) A Formosa Elisa 3) Jardim 4) À Elisa	A Rosa (pseudônimo) A Angélica (pseudônimo) Rosa Amélia (pseudônimo) A Cravina (pseudônimo) A Sempre-Viva (pseudônimo)
VIII - O LYRIO - 1903 Ano 2, Recife 5 de setembro Número 11	Amélia F. Bevilacqua	1) Extase (à Edwiges de Sã Pereira) 2) Mimo 3) O Passado 4) Não é... 5) Vespertina	Ignez Sabino Edwiges de Sã Pereira Ana Nogueira Santina Poyguaré Alicina Leite
IX - O LYRIO - Ano 2 Recife, 1 de fevereiro de 1903 Número 4	Amélia F. Bevilacqua	1) Desconforto 2) No Inverno 3) Idílio Noturno 4) O Joazeiro 5) Minha Musa (do Horto) 6) Crepusculo 7) Ester 8) Realidade	Elisa de Almeida Cunha Elisa de Almeida Cunha Anna Lima Alicina Leite Júlia Figueiredo Luíza Ramalho Edwiges de Sã Pereira Francisca Izidora